# LÍNGUAS AFRICANAS QUE FAZEM O BRASIL

Caderno Educativo

Museu da Língua Portuguesa



Caderno Educativo

Museu da Língua Portuguesa

**Bem-vinda(o) ao nosso caderno educativo!**

Aqui vamos falar sobre línguas e culturas negro-africanas e de como elas participaram da formação da língua portuguesa que falamos no Brasil.

Olhe para esse mapa, ele é uma representação do mundo todo! Você consegue achar o continente africano? Qual a proporção dele em relação aos outros continentes, neste mapa?



**O que você sabe sobre a África?**

Escreva ou desenhe aquilo que você já ouviu sobre o continente africano. Pense nas aulas, nas notícias de TV e nos filmes.

Compare seus desenhos e anotações com os dos seus colegas. Eles são parecidos? Algum traz alguma informação nova? Quando ouvimos falar sobre o continente africano, os primeiros pensamentos e imagens que temos podem ser estereotipados.

Durante muito tempo, filmes, matérias de jornais, desenhos, entre outros meios de comunicação, foram moldando nosso imaginário coletivo. Muitas vezes, essas informações chegam para nós incompletas ou até mesmo equivocadas, o que gera preconceitos, interpretações erradas e superficiais sobre os povos negro-africanos e suas culturas.

Para valorizar e reconhecer a diversidade e a riqueza cultural do continente africano, precisamos conhecê-lo melhor e desafiar nossos preconceitos.

**PARA SABER MAIS**

Estereótipo é uma maneira simplificada e geralmente preconceituosa de perceber ou interpretar pessoas e lugares, baseada em padrões de senso comum que se desenvolvem ao longo do tempo.



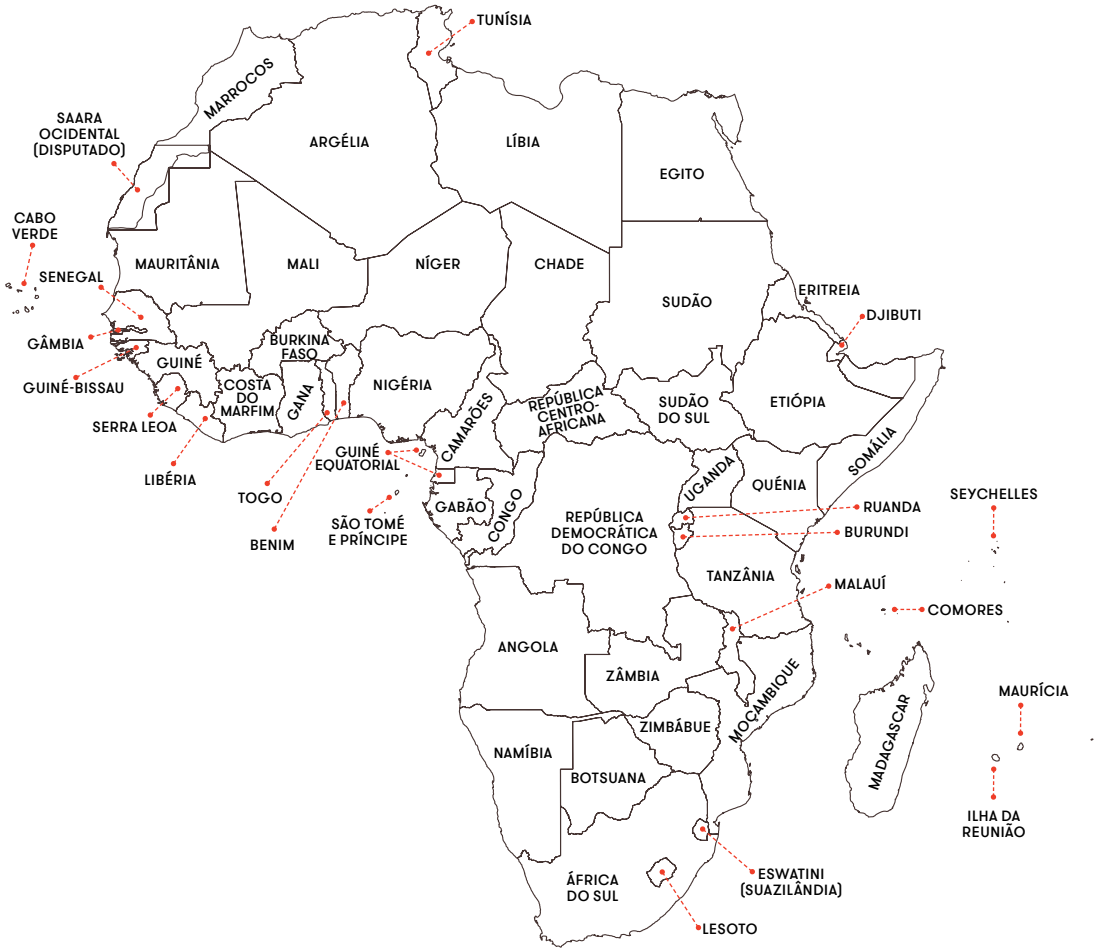
**Enquanto grande parte do mundo ainda utilizava o celular principalmente para falar,** o continente africano, muitas vezes subestimado em termos de inovação tecnológica, já estava à frente em algumas áreas. Em 2007, por exemplo, o Quênia se destacou como um dos primeiros países a implementar pagamentos e transferências bancárias por celular, utilizando o revolucionário serviço M-Pesa.

**O Continente africano é diverso.**

A diversidade cultural em África é imensa; existem e sempre existiram, milhares de povos diferentes, cada um com suas tradições, costumes, modos de vida e **línguas**.

**Você sabia que na África existem mais de 2000 línguas diferentes sendo faladas? É o continente com a maior diversidade linguística do mundo!**

África é o segundo maior continente do mundo em tamanho e em quantidade de pessoas, tendo aproximadamente 30 milhões de quilômetros quadrados e cerca de 1,3 bilhão de pessoas. Atualmente é um continente com 54 países, porém nem sempre foi assim. Essa divisão foi feita durante a Conferência de Berlim, que foi realizada em 1884-1885 e organizada pelas potências europeias para dividir e colonizar a África, estabelecendo fronteiras que ignoraram as identidades étnicas e culturais locais, contribuindo para séculos de exploração colonial no continente.




Utilize este mapa durante o seu percurso por este caderno. Sempre que o nome de um país africano aparecer, localize e pinte no mapa.

**Você sabia que as línguas também têm família?**

Elas são chamadas de Famílias Linguísticas. São grupos de línguas que compartilham uma língua ancestral em comum. Ou seja, mesmo que duas línguas sejam diferentes, se elas são da mesma família, elas terão coisas em comum, como, por exemplo, o português e o espanhol.

**Agora, como será que surgiram tantas línguas no continente africano?**

Quando um povo se muda e começa a se relacionar com outros povos e culturas, esse contato gera trocas. As línguas faladas por essas populações se transformam. Uma língua pega emprestada palavras e expressões da outra e vice-versa, transformando o modo de falar dessas pessoas.

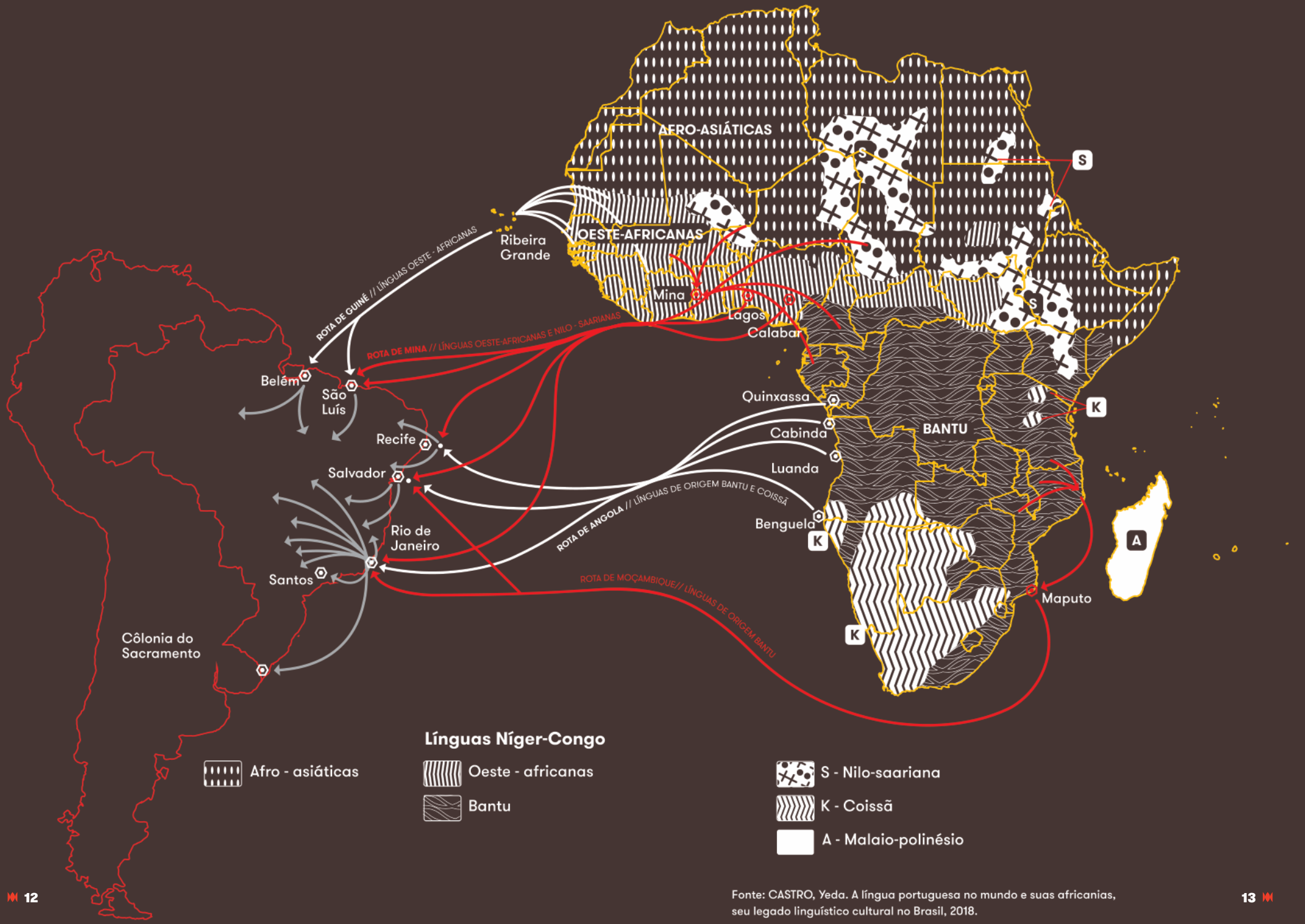
Esse é um fenômeno que acontece até hoje, em todas as partes do mundo!

**PARA SABER MAIS**

Existem várias famílias linguísticas no mundo, como as famílias Indo-Europeia, Sino-Tibetana, Afro-Asiática, Níger-Congo, entre outras.



Você conhece alguma palavra que surgiu de outras línguas e que usamos no português? Será que algumas dessas palavras vieram de línguas africanas?




Fonte: CASTRO, Yeda. A língua portuguesa no mundo e suas africanias, seu legado linguístico cultural no Brasil, 2018.

Bom, se você é o "caçula" da família, chama o menino de "moleque", gosta de um "dengo" e vai na "quitanda" fazer "fofoca", você usa palavras e expressões que vieram de línguas negro-africanas! Mas quais são essas línguas? E como elas foram trazidas para cá?

A chegada das línguas negro-africanas ao Brasil está diretamente ligada à diáspora de povos negro-africanos, que ocorreu entre os séculos XVI e XIX. Durante esse período, milhões de africanos de várias regiões de África foram sequestrados, escravizados aqui no Brasil, trazendo consigo seus saberes, crenças e línguas.  Entre as principais línguas africanas que foram trazidas ao Brasil estão:

- **quimbundo, quicongo e umbundo:** línguas da família bantu, faladas por povos da atual região de Angola, Moçambique e dos Congos. Essas línguas tiveram uma grande participação na constituição da estrutura do português falado no Brasil.

- **iorubá:** falada pelos lorubás, que foram trazidos principalmente da região que hoje é a Nigéria e o Benin. No Brasil identificamos sua presença principalmente no vocabulário religioso do Candomblé, de outras religiões e manifestações culturais afro-brasileiras.

- **eve e fon:** faladas por povos de regiões que hoje são o Togo e Benin. Influenciaram significativamente as religiões e a cultura afro-brasileira.



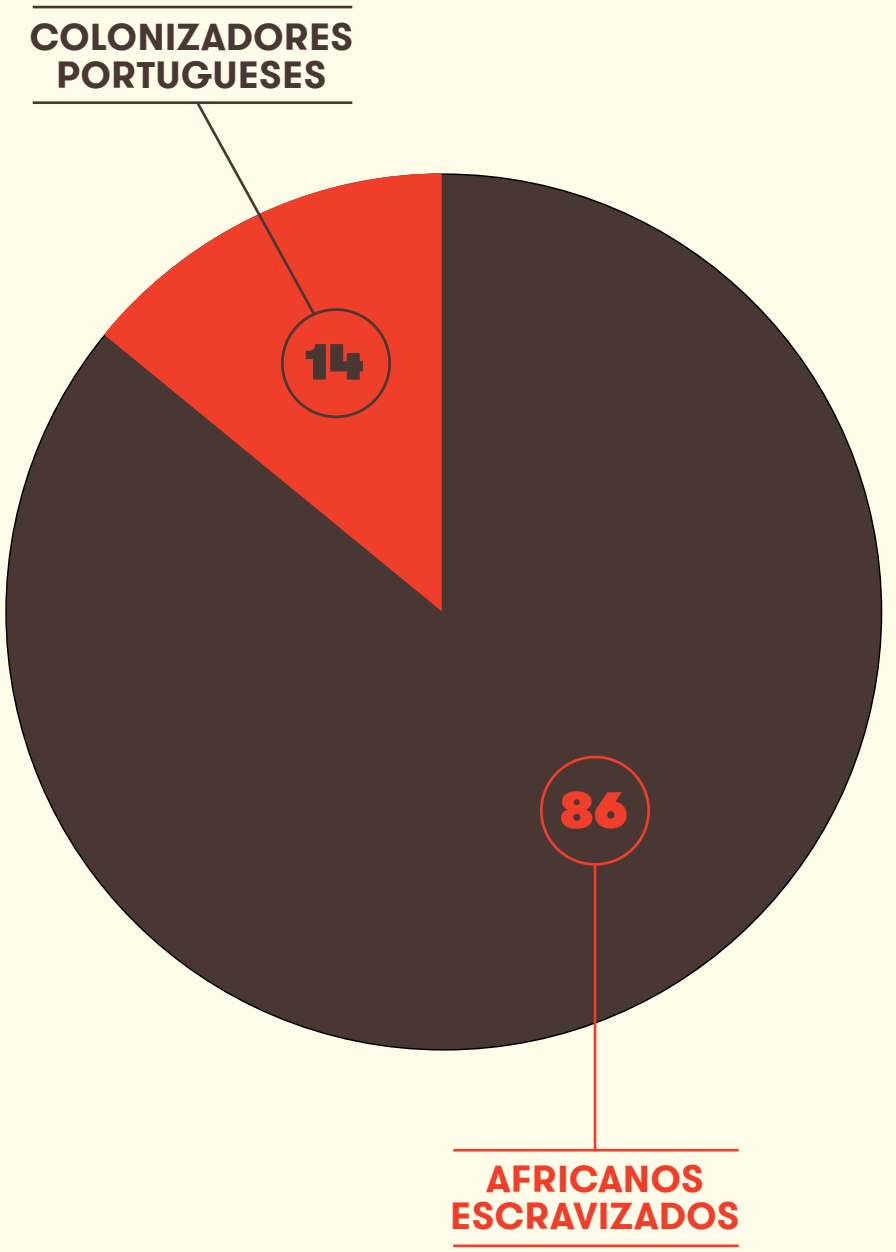
Vimos que no nosso vocabulário utilizamos diversas palavras que vieram de línguas africanas. A palavra "caçula", por exemplo, veio do quimbundo (*kasule*), já a palavra "fofoca" (*òfófó*), do iorubá. Vamos ver as outras palavras: "moleque", "dengo", "quitanda". De quais línguas africanas elas vieram? Pesquise com a sua professora a origem, pronúncia e significado delas.

**Como será que essas línguas ajudaram a constituir o português do nosso país?**

Vamos voltar no tempo... **Você acha que existiam mais povos africanos e indígenas ou portugueses no Brasil do séc. XVI?**

Estima-se que no séc. XVI havia cerca de 2,43 milhões de indígenas de diferentes povos no território que hoje consideramos Brasil. Cerca de 5,48 milhões de africanos foram trazidos para serem escravizados no período de 1500 até 1850. Durante esse período de escravização, somente 750 mil portugueses entraram no Brasil, ou seja, a cada 100 pessoas desembarcadas no Brasil, 86 eram africanos escravizados e 14 eram colonizadores portugueses.

Além da proporção desigual, a violência com os povos indígenas e a exploração de mão-de-obra escravizada forçou um deslocamento interno dessas pessoas pelo Brasil. Suas línguas e culturas também circularam pelo território e, entre os escravizados, a maior parte falava línguas bantu como: quicongo, quimbundo e umbundo. Então, você acha que a língua portuguesa no Brasil poderia ter se mantido como era em Portugal?



**O quanto de presença africana temos na língua portuguesa do Brasil?**

Como vimos, a construção do português brasileiro é consequência destas diversas influências de povos e línguas. Analisando esse fenômeno, **Lélia Gonzalez** cria o termo **PRETUGUÊS** para nomear a língua falada no Brasil, ou seja, o português aqui é fruto de um processo de africanização.

Você já ouviu alguém falar *framengo*, *pranta* no lugar de flamengo e planta? Bom, algumas línguas do grupo bantu não têm certas consoantes, como L. Através da oralidade, da sonoridade e das formas de pronúncia, essas línguas africanas foram constituindo a língua portuguesa falada no Brasil.

E quando a gente não coloca o substantivo no plural? Dizendo *as menina*, *os moleque* , *as caixa*? No quimbundo, por exemplo, o plural não é marcado pelo S no final das palavras, mas sim por prefixos, as partículas que vêm antes dos nomes (substantivos).

Um outro exemplo pode ser visto na tentativa de suprimir os chamados encontros consonantais. No caso das línguas bantu as palavras tendem a ser escritas como Consoante - Vogal - Consoante - Vogal (CVCV) e, quase sempre terminam em vogal. Por conta disso temos exemplos de modos de falar que transformam palavras, tipo: “trabalho” na língua falada, que se modifica para “trabaio” e “mulher”, vira “muié” e por aí vai.

Partindo dessas presenças é possível encontrar outros exemplos:



- Diminuir algumas palavras como *estar* para ***‘tá’*** e *você* para ***‘cê’***.

- Cortar o **/r/** que marca a forma infinitiva dos verbos como: ele vai *‘cantá’* no lugar de *ele vai cantar*.

- A relação da troca fonética (som) do **e** pelo **i** e do **o** pelo **u** como por exemplo: dizer “oralidade” por “oralidadi” e *‘pretu’* no lugar de *preto*.

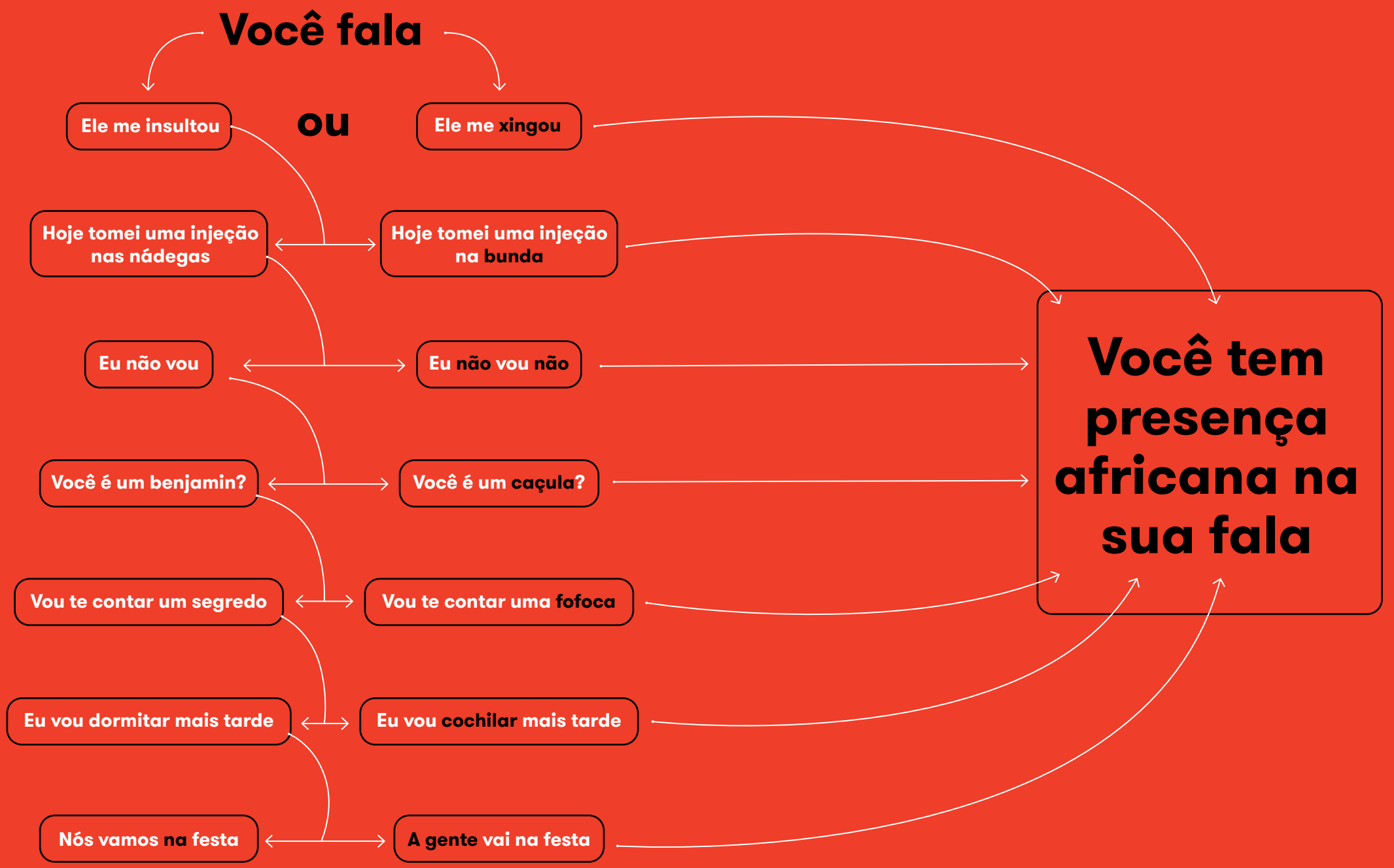
- Negar duas vezes na mesma frase, como: “**Não** quero ir **não**”

É comum que essas presenças sejam vistas como sinônimo de desconhecimento da língua portuguesa, como veremos mais à frente. Fato é que mesmo que tenham existido tentativas de apagar a presença das línguas africanas no português, ela resiste até os dias de hoje.

**Língua também é ferramenta de resistência.**

**QUEM É LÉLIA GONZALEZ?**

Ela foi uma intelectual, autora, ativista, professora e antropóloga brasileira, conhecida por seus estudos em torno da cultura negra no Brasil.


Você fala
Ele me insultou
ou
Ele me xingou
Hoje tomei uma injeção nas nádegas
Hoje tomei uma injeção na bunda
Eu não vou
Eu não vou não
Você é um benjamin?
Você é um caçula?
Vou te contar um segredo
Vou te contar uma fofoca
Eu vou dormitar mais tarde
Eu vou cochilar mais tarde
Nós vamos na festa
A gente vai na festa
Você tem presença africana na sua fala

Sabe aquelas interpretações estereotipadas que falamos antes e que podiam gerar preconceitos? O **preconceito linguístico** é achar que existe um jeito certo e um jeito errado de falar, com base no seu repertório pessoal. Mas será possível alguém desconhecer a sua própria língua?

Vamos pensar que a língua só existe porque existem pessoas que a falam. Os falantes são diferentes entre si e a língua usada para escrever (aquela do dicionário) e a língua usada para falar (oral) são, também, diferentes entre si.

O preconceito linguístico aparece quando consideramos que "fulano fala certo" enquanto "cicrano fala errado". **Mas, será que todas as pessoas falam o mesmo português?** Você já conversou com alguém que não é da sua região? Reparou a diferença entre os falares? Isso é uma variação linguística.

A tal norma-culta é diferente do português falado no dia a dia. E tá tudo bem! Se a língua comunica, ela está cumprindo a sua função.

O pretuguês é prova da resistência de povos que foram escravizados e depois esquecidos, de culturas incorporadas e depois apagadas na medida em que aumentava o desejo por um Brasil mais branco e europeu no modo de ser, nos costumes e no idioma. Se essa resistência existe na língua, existe também a prática de discriminação que silencia vozes, é esse silenciamento que leva o nome de Preconceito Linguístico.



O Preconceito Linguístico atua a partir de outros preconceitos e marcadores: classe, etnia e origem são os mais comuns. O que muitos não sabem é que a língua falada no Brasil não é um produto da *norma culta* ou das *variedades prestigiadas*, mas da criação de um povo fortemente influenciado por africanos e indígenas.

Agora que sabemos que a língua portuguesa falada pela maior parte das pessoas no Brasil tem uma forte contribuição das línguas africanas nas palavras, nas estruturas gramaticais e no modo de falar. Percebemos também que é justamente por conta dessa influência, da classe social de quem fala, sua etnia e sua origem, que essa língua sofre com o estigma de ser "errada", em comparação com a *norma-culta* que, na prática, só existe no dicionário e nas gramáticas.

Veja os exemplos abaixo de uso da Língua Portuguesa que falamos no dia a dia e da língua portuguesa da *norma-padrão*. Fale essas frases em voz alta e circule a opção que você mais usa.

**1.** Te amo X Amo-te (uso do pronome oblíquo "eu");

**2.** Vô te falá x Vou te falar (supressão da consoante no final da palavra);

**3.** Falano x Falando (supressão do encontro consonantal "nd" de modo a manter a estrutura binária CVCV);

**4.** Pineu x Pneu ou Adivogado x Advogado (tendência à vocalização no português do Brasil por conta de fonemas de origem bantu).

E aí, você fala como escreve?  E as pessoas com quem você convive no dia a dia? Observe a fala ao seu redor.

A presença de povos africanos no Brasil não constituiu apenas a língua portuguesa, mas a nossa cultura como um todo! Ela marcou, também, outras formas de linguagens que usamos como os gestos, a música, a dança e a forma de vestir, entre outros.

Há várias linguagens das culturas africanas que foram repreendidas e silenciadas, como já conversamos antes, pelo preconceito. Mesmo assim, muitas dessas manifestações resistiram ao longo do tempo e sobrevivem até hoje, como veremos a seguir.

> Muitas manifestações afro-brasileiras foram silenciadas, como o samba, RAP, jongo, penteados, religiões de matrizes africanas, entre outros.

Um exemplo destas linguagens são os sons e ritmos dos tambores. Os **tambores** são instrumentos musicais de percussão que estão presentes em diferentes culturas com nomes e formas variadas. Em culturas africanas conhecemos o Djembê, um tipo de tambor originário de Guiné Conacri, na África Ocidental, mas também presente nos países Mali, Costa do Marfim, Burkina Faso e Senegal. Na Nigéria, com os povos iorubás, existe um tambor tocado com baquetas chamado Sakara. Dos povos bantu há Ng'oma (ou Ngoma) e o seu uso foi trazido para o Brasil pelos africanos escravizados, sendo usado nos rituais religiosos afro-brasileiros, como o candomblé e a umbanda.



Tambores dão voz a manifestações culturais, como em religiosidades e crenças. Mesmo com essa representatividade, no passado, o som dos tambores em reuniões religiosas negro-africanas incomodava parte da sociedade brasileira, que chamava a polícia. Os instrumentos eram confiscados como provas de crimes, dos quais esses grupos eram acusados.

Durante a repressão policial às manifestações culturais negro-africanas, muitos utensílios afro-brasileiros foram apreendidos, coleções que posteriormente ficaram sob guarda das instituições de memória. Antes símbolos de desordem social, **hoje testemunhos da contribuição do negro à formação cultural do país**.

**O corpo é instrumento político e expressão das narrativas por onde passa.**

As **tranças** são elementos de diversas culturas africanas. Possuem sentidos políticos, estéticos, religiosos e, também, subjetivos, que narram o cotidiano, as experiências e as histórias destes povos. Através da tradição oral, há afirmações de que uma faceta das tranças como linguagem foi usada durante o período da escravização, onde as mulheres negras trançavam os cabelos umas das outras, usando o desenho das tranças como um mapa para encontrar o caminho de fuga para os quilombos.

Até hoje as tranças são uma forma de expressão pessoal e coletiva, celebrando suas raízes e afirmando a autoestima. Apesar da popularidade e aceitação crescente, muitas pessoas ainda enfrentam discriminação por usar tranças.

Outra marca identitária afrodescendente é o **turbante**. De tecidos coloridos, os turbantes também são uma forma de expressão. A sua origem é incerta, mas, aqui no Brasil, há apontamentos de que os turbantes foram incorporados na sociedade através de africanos escravizados. Seu uso está além da estética e é objeto de valorização e símbolo de poder.

**Sendo assim, o que um turbante comunica?**

Podem ser símbolos de resistência, frente ao preconceito e a discriminação. Em alguns contextos, como o de religiões de matriz africana, ele pode ter o nome de ojá e tem uma dentre as várias funções, como a proteção do orí (cabeça, em iorubá), por exemplo.

Os símbolos dos turbantes são passados de gerações para gerações, como parte de uma herança cultural, carregando consigo significados e **simbolismos**.

Ou seja, os turbantes não são apenas acessórios de moda, mas também carregam um profundo significado cultural, histórico e espiritual para as comunidades negras ao redor do mundo, representando continuidade cultural e resistência frente aos preconceitos.

# “Quem não sabe dançar diz que o tambor está ruim”

**Você conhece já ouviu esse provérbio em algum lugar?**

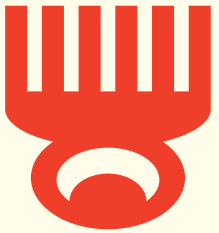
Este provérbio angolano diz que, muitas vezes as pessoas culpam as circunstâncias externas (como o tambor) por sua própria falta de habilidade ou conhecimento (não saber dançar). É uma reflexão sobre assumir e reconhecer algo próprio, antes de culpar os outros.

Os provérbios, assim como as linguagens mencionadas antes, são transmitidos de geração em geração, integrando uma herança cultural que traz consigo significados e simbolismos. São frases curtas que expressam valores culturais de uma comunidade, trazem orientações práticas sobre o comportamento com uma variedade de experiências de vida e interações morais entre as pessoas, agindo inclusive como uma forma de educação implícita.

Escreva aqui aqueles provérbios que você já ouviu ou aprendeu com seus familiares. O que será que eles querem dizer?

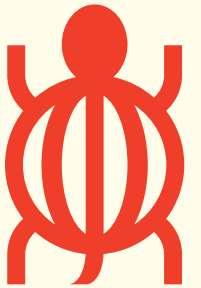
A grafia é uma tecnologia desenvolvida para comunicar a língua de maneira visual e ao longo desse caderno nós nos comunicamos através dessa linguagem escrita. No Brasil, como em diversas partes do mundo, utilizamos o alfabeto latino para transmitir mensagens gráficas. Mas será que essas letras, sinais e pontuações são a única maneira visual de expressar ideias?

Na África Ocidental, especialmente nos países Gana, Burkina Fasso e Togo, histórias transmitidas oralmente relatam que no século XVII surgiu o povo Ashanti através da união do povo Akan. Eles desenvolveram os Adinkras, que são ideogramas usados para transmitir valores tradicionais, ideias filosóficas, códigos de conduta e normas sociais. Estes símbolos são uma expressão da cosmopercepção desse povo e eram estampados em tecidos, adornos, penteados, esculturas em madeira e até mesmo em peças de ferro, sendo especialmente utilizados em rituais fúnebres – a própria palavra "Adinkra" traduz-se como "adeus à alma".

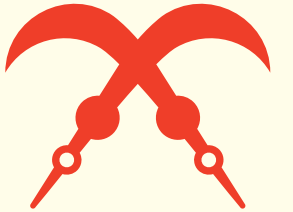


**DUAFE**
pente de madeira.

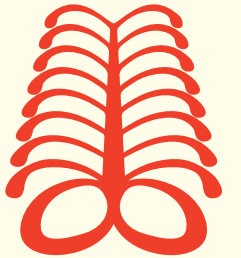




**ODEMKYEM**
o crocodilo vive na água, mas ele respira o ar e não a água.



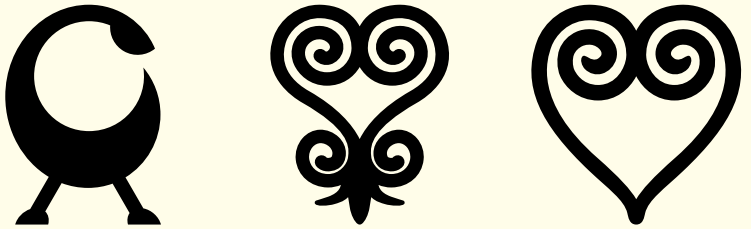
**AKOFENA**
espadas cerimoniais do Estado.



**AYA**
samambaia. "Eu não tenho medo de você".

**ANANSE NTENTAN**
A teia da aranha.

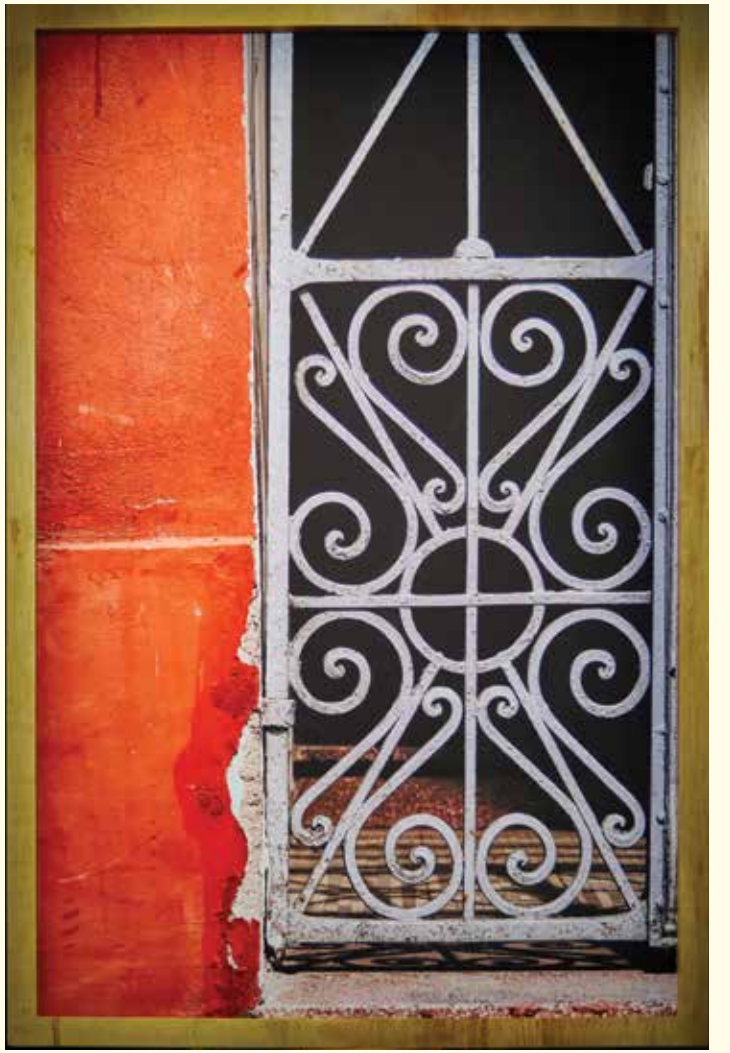
Essa escrita está mais presente no nosso cotidiano do que você imagina! Observe a imagem abaixo:



O ideograma que parece um pássaro se chama Sankofa e essas outras duas imagens que lembram um coração são uma variação desse mesmo Adinkra. Ele nos ensina o valor de olhar para trás e aprender com o passado para, assim, construir o presente e o futuro.

Observe-os com atenção. Muito provavelmente você já os viu no seu caminho da escola, ou pelas ruas e até mesmo em sua casa! Você reconhece as imagens ao lado?





**Diogo de Andrade para o Projeto 'Gradis do Recôncavo' de Bartira Lobo e Pinheiro- Gradil da Rua Ana Nery, no 66- Cachoeira/BA, 2022**

Esses símbolos - muito presente em grades e portões aqui no Brasil - representam justamente o Sankofa e suas variações.

Vamos usar o significado do Sankofa como inspiração para esse caderno? Que tal voltar ao início.

Na primeira página, foi proposta a atividade para identificar o continente Africano, inserir ideias e informações sobre ele. Durante o caminho percorrido neste caderno, descobrimos como os povos Iorubá, Bantu, Ashanti são diversos e estão presentes na cultura brasileira.

Vamos retomar a atividade do começo?! Olhe para o mapa abaixo: Ele é diferente do primeiro? A partir do que vimos, escreva ou desenhe as presenças das culturas africanas no Brasil.

**E em você? O que há das culturas africanas em seu jeito de ser?**

**GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO**

**Governador**
Tarcísio Gomes de Freitas

**Vice-Governador**
Felício Ramuth

**SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA, ECONOMIA E INDÚSTRIA CRIATIVAS**

**Secretária**
Marilia Marton

**Secretário Executivo**
Marcelo Assis

**Chefe de Gabinete**
Daniel Scheiblich Rodrigues

**Coordenadora da Unidade de Preservação do Patrimônio Museológico**
Karina Santiago

**Diretora do Grupo Técnico de Coordenação do Sistema Estadual de Museus**
Sofia Gonçalez

**Diretora do Grupo de Preservação do Patrimônio Museológico**
Mirian Midori Peres Yagui

**Diretora do Núcleo de Apoio Administrativo**
Regiane Lima Justino

**MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA**

**Gestão**
IDBrasil Cultura, Educação e Esporte – Organização Social de Cultura

**Presidente do Conselho de Administração**
Dalton Pastore Junior

**Vice-Presidente do conselho de Administração**
Matheus Gregorini Costa

**DIRETORA EXECUTIVA**
Renata Vieira da Motta

**DIRETORA ADMINISTRATIVA E FINANCEIRA**
Vitória Boldrin

**DIRETORA TÉCNICA**
Roberta Saraiva Coutinho

**CURADORA ESPECIAL DO MUSEU DA LÍNGUA PORTUGUESA**
Isa Grinspum Ferraz

**NÚCLEO DE EXPOSIÇÕES E PROGRAMAÇÃO CULTURAL**
Fernando Gallo (Coordenador)
Clara Machado, Letícia Leal, Samantha Silveira (Produtor/a)

**NÚCLEO EDUCATIVO**
Marina Toledo (Coordenadora)

Guilherme Santos (Assistente de Coordenação)

Edson Ignácio (Assistente de Formação e Conteúdo)

André Almeida (Supervisor do Educativo)

Leticia Garcia (Assistente Administrativo)

Aline Pereira, Amanda Amaral, Anaily Sequera, Daniela Lima, Ellen Silva, Ingrid dos Anjos, Luana Miranda Bastos, Mariana Lachner, Matheus Dionísio, Mylena Carvalho, Sabrina Rocha, Sidney Zonatto, Telma Santos, Thauane Possimoser, Vanessa Oliveira, Vinebaldo Aleixo (Educadoras/es)

Akill Evangelista, Ana Oliveira, Cainã Barbosa, Davi Farias, Endy Gonzaga, Felipe Henrique Alves, Giane Andrade, Igor Feitosa, Jaqueline Reis, Jaz Hausf, Jeferson Santos, Jordana Oliveira, Kauê Pontes, Lara Ribeiro, Laura Santos, Leonardo Salvaterra, Luzia Santos, Marcelo Gomes, Natanael Araujo, Paula Muecálica, Paula Santos, Regina Santos, Sabrina Carvalho, Talita Santana, Tatiane Silva, Teresa Pembele, Tiago Bispo, Vinicius Almeida. (Orientadoras/es)

**EXPOSIÇÃO LÍNGUAS AFRICANAS QUE FAZEM O BRASIL**

**Curador**
Tiganá Santana

**Assistente de Curadoria**
Mayara Carvalho

**Pesquisa Iconográfica e Textual**
Juliana de Arruda Sampaio

**Pesquisa Linguística, Textual e Tradução**
Niyi Tokunbo Mon'a-Nzambi

Consultoria
Yeda Pessoa de Castro

**Design gráfico**
Daniel Brito
Oga Mendonça
Geovana Martinez

**Ilustrações**
Letícia Moreno



# Exposição Temporária "Línguas africanas que fazem o Brasil"

Patrocínio Máster

Lei de Incentivo à Cultura – Lei Rouanet

PETROBRAS

Patrocínio

CCR

INSTITUTO CULTURAL VALE

JOHN DEERE

Apoio

itaú

instituto ULTRA

CAIXA

## Museu da Língua Portuguesa

Gestão

idbrasil Organização Social de Cultura

Concepção e Implantação

Museu da Língua Portuguesa

Fundação Roberto Marinho

Realização

TUDO VIRA CULTURA EM SP

SÃO PAULO GOVERNO DO ESTADO
Secretaria da Cultura, Economia e Indústria Criativas

MINISTÉRIO DA CULTURA

GOVERNO FEDERAL BRASIL UNIÃO E RECONSTRUÇÃO